

DESPEDIDA DOS COLEGAS NO CNMP

Brasília, 07 de agosto de 2013.

Senhor Presidente,

Senhoras Conselheiras Nacionais,

Senhores Conselheiros Nacionais,

Senhor Secretário-Geral da OAB,

Senhoras e Senhores Procuradores-Gerais,

Senhoras e Senhores Presidentes das entidades de classe,
eminente César Bechara Nader Mattar Júnior,

Senhoras e Senhores Advogados,

Senhor Secretário-Geral José Adércio Leite Sampaio,

Servidores do CNMP,

Senhoras e Senhores,

Tem um dia que, por mais que saibamos que ele chegará, a nossa alma insiste em não acreditar. Que para cada noite haverá inexoravelmente um novo dia. E que a cada alvorada vivida, por mais bela, por mais generosa que seja, será uma alvorada a menos em nossas vidas.

Foram assim, Senhor Presidente, as minhas alvoradas neste primeiro mandato neste Conselho Nacional. Sabia, e não queria acreditar, que a cada dia vivido ao lado dos meus queridíssimos colegas Maria Ester, Taís Ferraz, Almino Afonso, Adílson Gurgel, Cláudia

Chagas, Tito Amaral, Lázaro Guimarães e Fabiano Silveira seria um dia a menos. E esse dia chegou!

Hoje é a última sessão deste Conselho Nacional presidido em que participam nossos ilustres e estimados colegas.

Aprendi a admirá-los, Senhor Presidente. Aprendi a gostar de cada um de vocês. Confesso, Senhor Presidente, que não foi uma tarefa difícil. Cada um tem uma forma de ser, com suas imperfeições e atributos, mas olhando no fundo dos olhos e na alma de cada um deles, encontramos uma pessoa de bem; um ser humano de valores elevados.

Sua Excelência, o Dr. Roberto Gurgel, presidiu este Colegiado concomitantemente ao exercício de um cargo especialmente espinhoso, complexo, talvez, à exceção da Chefia do Governo Federal, o mais complexo da República, e em meio às vicissitudes de uma quadra única na história do Brasil. Foi fiel às suas convicções. Se a rotina natural do cargo de Procurador-Geral da República, em meio a momentos que exigiam uma dedicação quase integral ao *munus* de Promotor de Justiça do Brasil, impediu-o de se dedicar, com o tempo que queria, a este Conselho Nacional e aos seus projetos e desideratos, ninguém haverá de negar que Sua Excelência apoiou todas as iniciativas que lhe foram apresentadas, individuais ou coletivas, que buscaram promover os objetivos do órgão. Se também não conseguiu dar ao CNMP toda a estrutura necessária ao seu pleno funcionamento, até o mais ácido crítico, se fiel à realidade dos fatos, ao olhar para trás,

guardará, mesmo que no recôndito da sua alma, um aplauso a tudo que foi feito. E não foi pouco. Por Sua Excelência e por seu fiel companheiro e amigo José Adércio Leite Sampaio.

Quero aqui, Senhor Presidente, e não sei se falo em nome de todos, agradecer a Vossa Excelência pela excepcional quadra vivida por este Conselho Nacional nos últimos dois anos. Sabemos que as Instituições são construídas por etapas e que serão sempre obras inconclusas, mas, e certamente, sólidas são bases que aqui estão a olhos vistos de todos.

Pela fidalguia pessoal comigo também, Senhor Presidente, o meu reconhecimento do Procurador-Geral Roberto Gurgel.

Sentirei, também, a falta do convívio semanal com a Conselheira Maria Ester. O meu reencontro com a minha antiga colega do Conselho de Procuradores-Gerais neste Colegiado só fez aumentar a minha admiração e afeição a Sua Excelência. Nesses dois anos de mandato, jamais se viu em Maria Ester uma alteração, um gesto abrupto, uma atitude deselegante, uma deslealdade com o Plenário, com um colega ou com uma parte. Os seus compromissos com a Instituição Ministério Público – que são sólidos – nunca negaram aos seus olhos – sempre atentos – os equívocos naturais de uma Instituição ainda em construção. Volta à sua Casa agora, o Ministério Público Militar, com o sentimento do dever cumprido.

A Conselheira e Magistrada Taís Ferraz foi nesse período do Conselho Nacional a mais perfeita Promotora de Justiça, ou Procuradora da República, como queiram, entregou-se, de corpo e alma, à instituição. Em outro dia, resumiu neste Plenário o seu colega de Justiça Federal, o Conselheiro e Desembargador Federal Lázaro Guimarães, o que é notório: Taís Ferraz orgulha a Magistratura Federal neste Conselho. Inteligente, preparada, sensível, talentosa, equilibrada e, acima de tudo, muito justa, prestou relevantíssimos serviços ao aperfeiçoamento do Ministério Público nas não poucas tarefas que exerceu neste órgão de controle externo. A ela, o Ministério Público brasileiro será, sempre, um eterno devedor.

Tocaram-me, profundamente, a sua declaração de amor à instituição Ministério Público, no livro dos 8 anos do CNMP. Disse Taís Ferraz: “Tenho a expectativa de, ao deixar um pouco de mim neste Conselho Nacional, ter contribuído em alguma medida para o aperfeiçoamento e para a unidade dessa instituição republicana que é o Ministério Público brasileiro. Muito mais, porém, levo comigo. Disso eu tenho certeza. Carrego em minha bagagem, ao lado de todo o conhecimento que me foi ofertado e das relações humanas construídas, a inquietação típica de um promotor, de um procurador, originada da magnitude de seu compromisso com a defesa da sociedade”. Taís Ferraz, outras missões a República lhe reserva.

O Conselheiro Almino Afonso, Senhor Presidente, foi um dos olhos da sociedade neste Conselho Nacional. Sua Excelência é um autor de uma página diferenciada neste órgão. Eloquentemente sempre, muitas vezes até impulsivo,

foi um crítico das naturais imperfeições do Ministério Público. Mas não faltou com a lealdade. Sempre assumiu o que falava. Certo ou não, nunca se escondeu em maquinações que o preservasse. Sempre assinou o que disse. Foi sincero com que passava no seu coração e com a sua consciência. Em momentos importantes, e nunca esse seu comportamento pode ser dado como incoerente, em razão das críticas que fazia, usou da sua oratória, inata ao grande advogado, para levantar a sua voz, com espírito público, sempre fundamentada, para defender as prerrogativas e autonomia da Instituição. Se muitas vezes generalizou nas críticas ao Ministério Público, tenho certeza de que o fez mais como reforço argumentativo do que propriamente por se apegar à realidade. Os seus olhos de lince às nossas imperfeições, sempre vieram acompanhadas de propostas para a eventual correção de rumos. As suas críticas, certamente, promoveram profundas reflexões no seio do Ministério Público. A crítica honesta, mesmo que eventualmente não seja a mais correta, ao homem probo, será sempre positiva. Por isso, meu caro Almino, mesmo que não concordasse, sempre respeitei os seus posicionamentos.

Se o Conselheiro Almino Afonso marcou a sua passagem pelas suas posições efusivas, o seu colega também indicado pela Ordem dos Advogados do Brasil, o Conselheiro Adílson Gurgel, parecia comportar-se exatamente em outro sentido, e por mais paradoxal que o pareça, ambos, Almino e Adílson, sempre andaram no mesmo sentido: foram ambos guardiões dos interesses da sociedade neste Conselho Nacional. Um, o tribuno eloquente; o outro, o professor, o mestre que ensina, e convence, com simplicidade e pureza. Adílson Gurgel, que foi aqui de tudo um pouco, nos ensinou que temos várias

formas de falar e chegar a um mesmo objetivo. E que, leais aos nossos propósitos, tudo fica mais fácil. A todos convence.

A Conselheira Cláudia Chagas, Senhor Presidente, quase conseguiu desmistificar a máxima de que ninguém é insubstituível. Hoje, convivendo ao seu lado neste Conselho Nacional, tenho sinceras dúvidas sobre isso. *Data venia* aos que pensam em contrário, a Conselheira Cláudia Chagas será, para mim, insubstituível. Lúcida, corajosa, serena, dedicada ao extremo aos projetos e causas da Instituição, a Conselheira Cláudia Chagas foi responsável, nesses 4 anos que aqui esteve, quase que, isoladamente, pela construção de dois pilares, que serão as âncoras do Ministério Público no futuro. Aliado ao efetivo funcionamento dos órgãos de controle interno e externo, o planejamento estratégico e a apresentação dos resultados das ações do Ministério Público, garantirão à Instituição a sua perenidade e solidez. E a cada ano que se passar, Senhor Presidente, maiores serão os tributos que as próximas gerações do Ministério Público prestarão a essa modelar Promotora de Justiça. Se encontraremos algum dia alguém para substituir a Conselheira Cláudia Chagas eu não sei. Mas posso afirmar que não será uma tarefa das mais fáceis. À Cláudia Maria de Freitas Chagas, além do afeto que é a cada dia maior, deixo, pessoalmente, uma admiração dedicadas a pouquíssimas pessoas que conheço.

O Senhor Regimento, Senhor Presidente, também está se despedindo deste Conselho Nacional.

O Conselheiro Tito Amaral, meu vizinho de bancada, trouxe de suas experiências na caserna, no Ministério Público e no Senado da República, a disciplina e os conhecimentos necessários para confeccionar um lapidar Regimento Interno, a carta magna deste órgão. Aliada às suas outras contribuições a este Conselho e aos Ministérios Públicos, certamente o novo regimento do CNMP é a sua obra mais palpável e marcante. Sentiremos falta de seus esclarecimentos, da sua presença sempre alegre e do bom humor, mesmo nos momentos de tensão. Volta o Conselheiro Tito, de corpo inteiro, para sua Casa, o Ministério Público do Estado de Goiás, muito mais completo do que aqui chegou. E o Conselho Nacional se despede dele, do mesmo modo, mais completo do que quando Sua Excelência aqui aportou, com o seu novo Regimento Interno próximo à perfeição. Moderno, democrático e com vida longa.

Com o computador aberto e atento à jurisprudência dos Tribunais, sempre disciplinado e esperando o seu momento de falar – uma virtude – o Juiz Lázaro Guimarães se reencontrou, neste Conselho Nacional, com as suas origens no Ministério Público do Estado da Bahia, após longos anos de Magistratura Federal. Não perdeu o apreço pela Instituição que foi o berço de sua benfazeja carreira. Homem afável, moderado, nos ensinou que o tempo de carreira não tirou o seu apreço pela novidade, a curiosidade por novas experiências. Ao se manifestar neste Plenário parecia um Dorival Caymmi, seu conterrâneo que cantava com leveza, mas que ninguém se esquecia das letras das suas músicas.

Como a música de Caymmi, a voz suave, porém muito firme, eternizadas do Conselheiro Lázaro Guimarães

neste Colegiado, permanecerá no ar deste ambiente vetusto como uma lição aos novos e atuais Conselheiros: o canto dos pássaros, como a voz dos homens, serão marcantes não apenas pela intensidade, mas, sobretudo, pelo que delas, do canto e da voz, fica gravado na memória e no coração das pessoas. Ao Conselheiro Lázaro, a admiração e o eterno respeito.

Por fim, Senhor Presidente, quero fazer as minhas referências ainda ao jovem Conselheiro Fabiano Silveira. Fabiano parece um veterano. Aprendeu como poucos as boas lições da Câmara Alta. Originário da Casa, a representou neste Conselho Nacional nos quadros reservados à representação social. Conduta ilibada, tem um notabilíssimo saber jurídico. Tem Fabiano ambos o bastante para ocupar um assento em qualquer outro Colegiado Nacional. E o Conselheiro Fabiano Silveira tem muito mais que isto. O seu saber é de muito maior alcance. Tem a sabedoria da vida, e o vigor jovial. Que patrimônio valiosíssimo! Esses atributos, aliados à sua cultura jurídica, palpável aos olhos de todos, e a conduta e lealdade incontestáveis, deixam no Ministério Público Brasileiro a impressão de perda com a sua passagem para o Conselho Nacional de Justiça. Mas não é. Se pensarmos que Sua Excelência levará àquele Colegiado de controle do Poder

Judiciário – instituição irmã do Ministério Público – a visão que aprendeu do Ministério Público nesses dois anos, acredito, Senhor Presidente, que, nessa troca, o Ministério Público também ganhou. Tenho certeza, Senhor Presidente, de que Fabiano Silveira sentirá saudades do Ministério Público nessa sua nova caminhada, mas que a cada manifestação no Conselho Nacional de Justiça já se terá

um algo novo na sua alma, um pouco, ou um muito, da alma Ministério Público.

Peço desculpas, Senhor Presidente, se me alonguei em razão do momento, o início de uma pauta tão grande, nessas palavras muito singelas sobre a passagem de Vossa Excelência e dos demais colegas neste colegiado, o Conselho Nacional do Ministério Público. Mas não poderia me furtar a esse desejo do meu coração.

Quis atender os constantes apelos da presidência pela sintetização e celeridade das nossas manifestações em benefício do bom andamento dos trabalhos, sei que poderia ter resumido tudo o que falei em uma palavra: saudade.

Penitencio-me e peço desculpas.

Seria fácil: saudade é uma pequena palavra que diz tudo.

Portanto, meus queridos amigos, muito obrigado por conhecê-los melhor, pelo aprendizado e pela amizade que me acompanhará por toda a vida.

Saudade, saudade, saudade... Nove vezes saudade.

